

#### A transexualidade na sala de aula

Larissa Cristina Batista

Graduanda em História ICH/UFU

Miguel Antonio da Costa Graduando em História ICH/UFU

## Introdução

Este trabalho tem como objetivo, fazer uma análise sobre a entrevista que foi realizada para a disciplina de Memória e História Oral. A proposta inicial foi a escolha de um tema e para a realização foi proposto, também, a leitura de textos que tratassem do assunto e textos básicos para auxiliar na condução da entrevista e na escrita do relatório final. Nas aulas foram utilizados textos de vários autores alguns como a Verena Alberti, que nos ensina sobre as metodologias da entrevista de história oral e também a forma de ser transcrever as entrevistas e Alessandro Portelli que nos ensina sobre a ética na história oral.

Diante do exposto, é possível identificar que os autores, com foco em Verena, constroem um caminho para a utilização dos métodos da História Oral, na pesquisa que deve-se fazer antes da entrevista que caracteriza uma pesquisa histórica, o roteiro que deve ser elaborado previamente para a condução da entrevista e de como todos esses preparativos constituem não só a entrevista mas também, a construção da fonte histórica. Já Portelli, trata das questões relacionadas ao manuseio da entrevista, entendendo que esses "manuseios" fazem referência ao tratamento ético que o historiador deve dar a sua entrevista, visto que, antes da realização da entrevista é preciso assinar um termo de compromisso, tanto pela parte do historiador quanto pelo entrevistado.

O tema central da pesquisa é " A transexualidade na sala de aula". A escolha do tema foi em conjunto e definimos a temática por termos afinidade e experiência com o mesmo. Uma das questões que surgem, quando falamos sobre o tema e também baseados na nossa experiência, é que o preconceito sempre se faz presente nas relações humanas e isso se torna mais evidente quando falamos de travestis ou transexuais. Fomentamos analisar como elas,



travestis e transexuais, são tratadas dentro da sala de aula e como a discussão de gênero é falha dentro das escolas, tanto por parte da direção pedagógica, como por parte dos professores que acabam velando essa questão.

A escolha da entrevistada, se deu por ela já ter perpassado por todas as fases do ensino. A nossa entrevistada está cursando Serviço Social na Universidade Federal de Uberlândia, campus Pontal. A escolhemos, também, por já ser conhecida de ambos e concluímos que sua experiência ajudaria a alcançar o objetivo proposto pela disciplina.

## Problemática

O trabalho buscou enfatizar a prática docente em relação ao gênero na sala de aula, como as pessoas que não se encaixam no padrão existentes que ordenam os corpos, onde determinados corpos são vistos como "aberrações". Uma das questões analisadas é o preconceito, que se faz presente nas relações humanas e que se torna mais evidente quando se trata de travestis ou transexuais. Buscamos analisar como elas, travestis e transexuais, são tratadas dentro da sala de aula e como a discussão de gênero é, ou não, abordada nas escolas, por parte da direção pedagógica e dos professores.

E de como a discussão de gênero ainda é um tabu para a maioria das escolas e como o currículo que é vigente também faz com que a discussão tenha papel secundário ou na maioria das vezes seja inexistente nas escolas de modo geral. Fazendo que pessoas que são consideradas "fora do padrão" se sintam excluídas quanto a essas discussões e também das relações de poder presente nestas discussões, onde a história das minorias sempre é esquecida e substituída pela história das maiorias vigentes na sociedade e também o padrão hétero, branco e cristão estabelecido pela sociedade

A pesquisa foi proposta na disciplina de Memória e História Oral como requisito de aprovação. A escolha do tema se deu por nós, pesquisadores, em conjunto e também pela afinidade da construção do tema, com a orientação da professora Dalva Maria, docente do curso de História na Universidade Federal de Uberlândia no campus Pontal. Foi um tema desafiador e bem instigante de fazer a pesquisa.



## Metodologia

Utilizando o textos propostos no plano de ensino da matéria e discutidos dentro da sala de aula e também utilizando como exemplo a entrevista realizada pela professora Dalva Maria com o médico Ricardo Duarte, tivemos como nos basear para poder conduzir a nossa entrevista de história oral.

Para a realização da entrevista, escolhemos um lugar sem interferência de sons do ambiente externo, e também, buscamos um local em que tanto a entrevistada, quanto os entrevistadores estivessem à vontade. Antes do começo da entrevista, percebemos que não tinha o aplicativo de gravação, baixamos o aplicativo e usamos os celulares e o gravador para captar o som.

Utilizamos o gravador para poder captar o som e também utilizamos nossos celulares como reserva para caso o gravador falhasse, tendo em vista que o gravador já estava obsoleto. A entrevista ocorreu de forma simples e bem tranquila, nossa entrevistada um pouco antes de começar a entrevista estava um pouco nervosa, mas nos entrevistadores também estávamos bem ansiosos para a realização da mesma. Percebemos que a nossa entrevistada era bem ativa ao se comunicar, o que facilitou a condução da entrevista e tirou um pouco do nervosismo.

Para a metodologia utilizamos também, um roteiro para que pudéssemos seguir um caminho lógico. O roteiro foi dividido em quatro partes principais, Memórias sobre a descoberta da sexualidade; Memórias sobre as vivências no ensino básico; Trajetória no ensino superior e As relações no trabalho. Dentro destes quatro pontos haviam perguntas como: Como e em momento seu deu a tomada de consciência sobre a sua sexualidade?; Como a sua sexualidade se fez presente no âmbito escolar?;

E a partir destas questões, nós conseguimos a base para a construção do texto e para a análise das questões que foram elaboradas previamente no roteiro. As questões nos auxiliaram a conhecer um pouco sobre a vida da nossa entrevistada, causando até mesmo um aproximação entre entrevistada e entrevistadores.

Ao perguntar sobre o local de nascimento dela, nos surpreendemos pois, não tínhamos o conhecimento de que nossa entrevistada era da cidade de Anadias que fica localizada em



Alagoas. Com essa questão levantada tivemos que na hora alterar um pouco nosso roteiro, pois queríamos saber um pouco mais sobre o local de origem dela é como ela havia chegado na cidade de Ituiutaba. Podemos perceber que durante a entrevista não precisamos necessariamente ficar preso ao roteiro, ele é usado como uma base para não se chegar na entrevista sem saber o que se quer e pretende fazer.

#### **Desenvolvimento**

Ao iniciar a entrevista logo fomos pegos de surpresa por não saber sobre a naturalidade de nossa entrevistada, ela nasceu na cidade de Boca da Mata, e residia na cidade de Anadias em Alagoas. Nos relatos podemos perceber como ela e sua família chegaram aqui em Ituiutaba. Muitas pessoas saíram do estado de Alagoas em busca de melhorias nas condições de vida, podemos perceber que elas vieram de forma bastante precária sem saber o que iriam encontrar em Ituiutaba.

Quando o processo de migração, que teve início nos anos de 1950, a cidade de Ituiutaba passa pelo processo de intensificação da agricultura e pecuária então essas pessoas migram, motivados por esses aspectos. Quando chegavam em Ituiutaba sofriam bastante preconceitos como apresenta Silva:

Os nordestinos chegaram em massa e espalharam-se pela região trazendo seu modo de vida, sua linguagem, estabelecendo diferenças que deram origem a interpretações variadas, gerando explicações, conceitos e preconceitos. De um lado estavam os nordestinos que chegavam, observavam e eram observados, de outro lado, os mineiros que geralmente os recebiam com reserva e uma dose de desconfiança. Conceitos errôneos, formulados e disseminados de boca em boca, nortearam por muito tempo as relações entre mineiros e nordestinos. SILVA (1997,p.174)

Podemos perceber que mesmo no ano de 2008, ano de chegada de nossa entrevistada, o preconceito aos migrantes ainda se faz presente na sociedade Tijucana. O preconceito enfrentado por nossa entrevistada não foi somente por sua sexualidade, mas também pelo seu local de origem. Percebemos que a xenofobia se dá principalmente pelo seu modo de fala e suas vestimentas. E também a forma como eles se portam perante a sociedade, tudo muito pautado no estranhamento a sua cultura.



Ao perguntarmos sobre os desafios da escola para nossa entrevistada em relação a sua sexualidade, ela relata que passou por bastante dificuldades em sua vida escolar. Geralmente as pessoas não comentavam sobre sua condição sexual mas a chamavam de nomes pejorativos em relação a isso. Ela comenta que:

Eu saí da escola e esse cara grandão que estudava comigo quis me bater, mas eu não sei o porquê, eu não consigo lembrar o porquê eu só lembro que ele pegou e me segurou pela roupa, até rasgou a minha roupa, e eu fui pra casa com a roupa rasgada. (SILVA, Leonor)

Mesmo sem saber a própria sexualidade, e sendo bem nova ela já sofreu repressões e agressão das pessoas, pelo seu comportamento, por ser o que ela é. Provavelmente o "garoto" deve tê-la agredido pelo fato de ter trejeitos, ditos femininos, que são considerados anormais diante da sociedade em que vivemos. Sofre repressão quem não faz parte desse sistema mundo, onde o normal é considerado ser heterogêneo, branco e masculino.

A religião também influencia muito nos preconceitos presentes em nossa sociedade, a religião tem ditado as regras a bastante tempo, desde a era medieval. Com o surgimento da igreja as relações entre pessoas do mesmo sexo passa a ser mais repreendida, na Grécia Antiga, mais precisamente em Esparta segundo Aníbal Ponce um guerreiro poderia manter relações com seus colegas afins de estreitar as afinidades para melhor desempenho nas guerras.

Com essas práticas criava-se uma relação amorosa entre os guerreiros que passavam a se proteger mais nas batalhas. Quando a sociedade passa do Antropocentrismo ( o homem no centro de tudo) para o teocentrismo (Deus no centro de tudo), as concepções em relação a isso mudam, a sociedade intensifica esse pensamento de que as diferentes condições sexuais ou diferentes corpos são errados perante "aos olhos de Deus".

Nossa entrevistada, também se sentiu repreendida em relação à igreja. Pois como ela mesmo cita, teve uma educação pautada dentro da igreja evangélica. O que nós, pesquisadores, pensamos como uma possibilidade de pesquisa. Até que ponto a igreja interfere na condição sexual dos seus seguidores? Mas para podermos responder essa pergunta, teríamos que ampliar a pesquisa e com mais pessoas que estão ligadas a igreja e que são homossexuais assumidas.



Outra questão levantada por ela é como os gays, travestis e transexuais normalmente se ligam mais com as meninas, como nossa entrevistada cita:

Aí quando eu vim pra cá, isso foi uma experiência que eu me recordo de lá, quando eu vim pra cá eu comecei a fazer amizade com as meninas e também não era assumido nem nada, mas as meninas já detectavam né, as meninas não é boba nem nada, já detectava a viada ali presente, aí eu sempre, sempre tive amizade com meninas, também, mas ficou mais leve na turma que eu estudava era bem tranquila, os meninos era muito respeitador, eles nunca me faltaram com respeito, então ao mesmo tempo que eu não tinha esse embate, né? (SILVA, Leonor)

As crianças e adolescentes que não se encaixam no padrão existente normalmente se ligam mais ao sexo oposto, como nossa entrevistada nos relata ela tinha mais aproximação com as meninas do que com os meninos, mesmo que os mesmos não fizessem nada contra ela. Acreditamos que isso se dá pela representação que esse ambiente oposto cria, e muitas vezes essas crianças e adolescente são proibidos até mesmo de brincar com os outros, porque menino brinca com meninos de carrinho e meninas brincam com meninas de boneca. Caso aconteça ao contrário as crianças são repreendidas e até mesmo apanham dos pais por isso.

A problemática central da pesquisa foi pautada na educação e de como o corpo trans se fez presente dentro do ambiente escolar. Durante a sua educação básica, a condição corporal da nossa entrevistada não se fazia tão presente, porém quando ela chegou ao ensino médio a sexualidade começou a aflorar e na universidade serviu como forma de militância, porém como ela mesmo cita, é tudo muito velado e a discussão de gênero não se faz presente.

Em toda a sua trajetória escolar nenhum professor discutiu esse tipo de tema na sala de aula e nem mesmo no particular com ela. Os docentes da universidade, também, não discutem esses assuntos diretamente com ela, mas propõe textos para serem lidos. Segundo ela:

Os professores sempre foram, sempre muito tranquilos, alguns nem...nem se importam, e alguns sabe, é uma coisa tipo foda-se. Tipo não está nem aí, não está preocupada se.. o que eu to passando num se achega para conversar. Para entender, não vamos, vamos conversar, vamos tomar uma cerveja juntos ou um refrigerante, vamos saber né, se preocupar. Não está preocupado em chegar entrar na sala, passar o seu conteúdo e tchau. Então eu acho que a universidade também tem essa questão da gente e... desconstruir esse ambiente, e que parece que é muito tranquilo mais é hostil né. É muito



superficial também, a gente acha que é bem de leve não tem preconceito ali, mais tem, tem sim. (SILVA, Leonor)

Podemos perceber como alguns professores até mesmo dentro da universidade ignoram as questões de gênero presentes dentro da sala de aula, ou tratam esses assuntos como indiferentes. Muitos dos docentes das universidades estão preocupados em somente dar suas aulas e ganhar seu dinheiro, não debatendo com seus alunos questões tornando assim o ambiente universitário desgastante para os estudantes. A universidade deve ser um local de ensino e aprendizagem que deve proporcionar debates saudáveis, que aceitam a opinião dos outros sem preconceito.

## **Considerações Finais**

A escola é um espaço multicultural onde estão presentes vários corpos, condições sexuais e etnias convivendo todos juntos em um mesmo local, e que sua existência não devem ser ignorada. Analisando a prática docente dos professores percebemos que eles não mencionam as questões de gênero dentro da sala de aula, isso pode estar ligado a sua formação inicial que não leva em consideração esses assuntos. Ou também como já citado a religião pode influenciar o professor dentro da sala de aula, ele acaba ignorando o seu aluno que é "diferente".

O professor deve aceitar e apoiar as diferenças para não excluir seu aluno, podendo assim incluir ele dentro da sala de aula e também causar significado do conteúdo trazendo a realidade do aluno para a aula. O professor percebendo seu aluno sofre preconceitos dentro do ambiente escolar, não deve perguntar diretamente ao seu aluno sobre os problemas enfrentados por ele, isso pode acuar o discente mais ainda pois talvez nem ele ainda se entenda, o processo de entendimento da sexualidade é bem complicado porque leva em consideração fatores externos que contribuem ou não para isso. O docente deve então tentar levar esses assuntos para dentro de suas aulas, desconstruindo estereótipos que existem, e não reforça-los ao decorrer da vida escolar dos alunos.

O preconceito ainda está muito impregnado na sociedade, podemos notar que isso abre espaço para a militância, que preza a "libertação" dos vários corpos que sofrem mutações todos



## Sociedade, Cultura, Patrimônio



25 A 28 DE SETEMBRO DE 2018

ISSN 2179-5665

os dias para se tornar cada vez mais o que realmente são, e destaca também as várias sexualidades presentes no mundo. Corpos e sexualidades que só querem ser reconhecidas e ter os seus direitos que a sociedade os nega a cada momento de seu dia e sua vida. Poder entrevistar uma pessoa que passou e passa pelas experiências escolares nos possibilitou perceber a sua visão do mundo e como ela lida com o preconceito existente em nossa sociedade. Foi um grande aprendizado e nos proporcionou descobertas de novas experiências, conhecer o outro é uma tarefa muito inspiradora e desafiadora, e nós trouxe um grande nível de aprendizagem pessoal.

## Referências

ALBERTI, V. Histórias dentro da História . In Fontes Históricas.2ª ed. São Paulo: Contexto, 2010. p. 155-171;

ALBERTI, V. O que documenta a fonte oral: a ação da memória; Além das versões: possibilidades da narrativa em entrevistas de história oral. In: \_\_\_\_.Ouvir Contar:Textos em História Oral. Rio de Janeiro: FGV, 2004. p. 33–43; 77–90.

ALBERTI, V. Como usar fontes orais na pesquisa histórica—O tratamento de entrevistas e outros In: PINSKY, C. B.Fontes Históricas.2ª ed. São Paulo: Contexto, 2010. p180-191

ALBERTI, Verena. Manual de história oral. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV. 2004

DAVID, Priscila. História oral: metodologia do diálogo. Revista Patrimônio e Memória. v. 9, n. 1, jan-jun, 2013.

JÚNIOR, Durval M. A. Máquina de fazer machos: gênero e práticas culturais, desafio para o encontro das diferenças. In: MACHADO, CJS., SANTIAGO, IMFL., NUNES, MLS. Gênero e práticas culturais: desafios históricos e saberes interdisciplinares. [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2010. p. 21.

PORTELLI, Alessandro. Ensaios de história oral. São Paulo: Letra e Voz., 2010.

PORTELLI, A. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral. Projeto História. São Paulo, Nº 15, p. 13-33, abr/1997.

SILVA, C. B., RIBEIRO, P. R. C. Dossiê gênero e sexualidade no espaço escolar. Revista estudos feministas. v. 19, n. 2, mai-ago, 2011.



# Sociedade, Cultura, Patrimônio

Encontro de Ensino de História

ISSN 2179-5665

25 A 28 DE SETEMBRO DE 2018

Soares, Ana Carolina Eiras Coelho. Olhares de gênero na perspectiva escolar. Revista do Departamento de História e Ciências Sociais. v. 15, n.2, jul\dez, 2015